A luta do Hamas contra o terrorismo

Hamas' fight against terrorism

Murilo Seabra[1]

Resumo: O pensador judeu Yeshayahu Leibowitz cunhou o conceito de nazijudaísmo para distinguir entre dois tipos de sionistas. Os sionistas do primeiro tipo achavam que os judeus deveriam migrar para a Palestina, a Terra Santa das três religiões abraâmicas, para conviver pacificamente com os muçulmanos e os cristãos palestinos. Leibowitz é um dos seus principais expoentes. Para os sionistas do segundo tipo, porém, os judeus deveriam tomar a Palestina para si, sendo válido, para tanto, matar, roubar, enganar, torturar, aterrorizar e expulsar os muçulmanos e os cristãos palestinos; mandamentos como "Não matarás", "Não roubarás" e "Não levantarás falso testemunho" só precisavam ser observados entre judeus. Benjamin Netanyahu é hoje o seu proponente mais notório. A literatura acadêmica talvez tenha razão em ignorar as divisões internas ao sionismo, pois a maioria dos sionistas é do segundo tipo. Mas é também possível argumentar que Leibowitz e Netanyahu não devem ser confundidos. O artigo a seguir, escrito originalmente para a Coluna Anpof, o blog da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, a maior associação de filosofia do Brasil, procura desestabilizar a narrativa de que os nazijudeus são heróis e os palestinos vilões. Por fazer uso do conceito leibowitziano de nazijudaísmo, a Anpof resolveu censurá-lo.

Palavras-chave: nazijudaísmo, sionismo, Palestina.

Abstract: Jewish thinker Yeshayahu Leibowitz coined the concept of Judeo-Nazism to distinguish between two types of Zionists. Zionists of the first type thought that Jews should migrate to Palestine, the Holy Land of the three Abrahamic religions, to live peacefully with Palestinian Christians and Muslims. Leibowitz is one of its main exponents. For Zionists of the second type, however, Jews should take Palestine for themselves, and to do so they were allowed to kill, steal, deceive, torture, terrorize and expel Palestinian Christians and Muslims; commandments such as "Thou shalt not kill," "Thou shalt not steal," and "Thou shalt not bear false witness" only had to be observed among Jews themselves. Benjamin Netanyahu is today its most notorious proponent. The academic literature is perhaps right to ignore the divisions within Zionism, as most Zionists are of the second type. But it is also arguable that Leibowitz and Netanyahu should not be placed together. The following article, originally written for Coluna Anpof, the blog of the National Association of Postgraduate Studies in Philosophy, the largest philosophy association in Brazil, seeks to destabilize the narrative that Judeo-Nazis are

[1] Doutor em Filosofia (La Trobe University).

heroes and Palestinians villains. Because of the Leibowitzian concept of Judeo-Nazism, Anpof decided to censor it.

Keywords: Judeo-Nazism, Zionism, Palestine.

Nota preliminar[2]

"A grande ironia é que Adolf Hitler se tornou o principal patrocinador econômico do Estado de Israel", explicou o historiador judeu Edwin Black[3]. De acordo com Anthony Greenstein, outro historiador judeu, o pacto entre os nazistas e os sionistas[4] – que Yeshayahu Leibowitz preferia chamar de "nazijudeus" – só desmoronou em 1939. Evidentemente, os sionistas não gostam de ser lembrados do fato de que o nazismo e o sionismo foram parceiros íntimos. Aliás, eles não gostam de ser lembrados de nenhum dos crimes cometidos pela entidade sionista, razão pela qual até mesmo os judeus antissionistas – como Edwin Black, Anthony Greenstein, Naomi Klein, Noam Chomsky, Aaron Maté, Ilan Pappé, Jeffrey Sachs, Katie Halper e Breno Altman – costumam ser atacados e vilipendiados.

Só comecei a me interessar pelo problema da colonização da Palestina poucos anos atrás, quando a minha atenção foi capturada pelo que aconteceu ao historiador judeu Theodore Katz. A carreira dele foi destruída. Por quê? Porque ao invés de pintar os israelenses com cores benévolas e os palestinos com cores malévolas, ele foi fiel aos documentos oficiais que analisou e aos depoimentos dos soldados israelenses que coletou. Ao invés de rejeitar os fatos que contrariavam as suas expectativas, Katz deixou que elas fossem estilhaçadas. Ao invés de submeter a verdade a reajustes, Katz preferiu reajustar as suas opiniões ao que ela estava dizendo. Ele preferiu a integridade à obediência. Obviamente, as atrocidades cometidas pelos sionistas que Katz trouxe à tona causaram polêmica, desconcerto e embaraço. Elas eram difíceis demais de digerir. Elas não se conformavam à narrativa dominante. Elas precisavam ser negadas. Elas precisavam ser esquecidas. Elas precisavam ser enterradas. Os sionistas se vingaram da vergonha que sofreram colocando um ponto final na carreira de Katz. Até mesmo o seu orientador, Ilan Pappé, precisou fugir do Estado de Israel.

Ou seja, a academia não é necessariamente um espaço que prioriza e valoriza o pensamento. O que aconteceu com Katz foi particularmente brutal (ele recebeu inclusive ameaças de morte), mas não saiu da normalidade. A academia pinta uma imagem de si mesma que não corresponde à realidade. Você pode, sim, falar livremente sobre os mais diversos assuntos, como a Revolução Francesa, a seleção natural e a teoria da relatividade. Você pode falar livre-

[2] Em razão da maioria das referências consistirem em links de sites de notícia, jornais e vídeos no *YouTube*, optamos por alocá-las nas notas de rodapé, preservando assim a fluidez do texto e facilitando o acesso aos leitores. Embora o autor não tenha informado as datas de acesso aos links, todos foram acessados com sucesso no momento da formatação do texto, no dia 28/01/2025. Pelos mesmos motivos não destacamos a única citação longa, mantendo-a no fluxo do texto.

[3] https://www.youtube.com/watch?v=ESNoLfmhVPM.

[4] https://www.youtube.com/watch?v=2wIwSxEsaz0&t=3414s.

mente sobre epistemologia, fenomenologia e hermenêutica. Mas a academia também possui tabus. Como descobriram Ivan Katchanovski[5], Norman Finkelstein[6] e Matthew Alford[7], você não pode colocar as potências ocidentais em maus lençóis. Você não pode falar das sujeiras da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Você não pode falar dos crimes da entidade sionista. Caso você saia da linha, você poderá ser tanto advertido de forma sutil quanto punido de forma impiedosa.

Não sou um especialista e nunca quis ser um especialista na questão palestina. Mas também não sou um completo ignorante que acredita ingenuamente que os palestinos são realmente terroristas. Por causa do meu interesse pelo caso Katz – que surgiu por causa do meu interesse pelo controle estratégico da produção acadêmica –, já estava ciente de que a obra de limpeza de étnica realizada pelos nazijudeus era sistematicamente acompanhada por uma obra de limpeza epistêmica. Assim, as manchetes pintando os palestinos como vilões e os israelenses como inocentes que inundaram a noosfera após a histórica operação da brigada Al-Qassam me fizeram imediatamente franzir as sobrancelhas. Os palestinos tinham mesmo matado mais de mil pessoas inocentes no dia 7 de outubro de 2023? Eles tinham mesmo decapitado dezenas de bebês? Eles tinham mesmo estuprado e esquartejado mulheres sem dó nem piedade, cortando os seus seios e arrancando bebês de seus úteros à faca? A coisa não fazia sentido.

Mas ela fazia perfeito sentido se os nazijudeus estivessem planejando uma solução final análoga à dos nazistas. A mídia corporativa estava projetando sobre os palestinos a crueldade e sede de sangue dos israelenses e dos seus aliados do ocidente. Os sinais de que os sionistas queriam acelerar o processo de limpeza étnica estavam por todos os lados. Eles rapidamente satisfizeram os critérios legais para se abrirem à acusação de estarem cometendo genocídio. A máscara do ocidente caiu por terra. A falta de caráter de grandes jornais como *The Guardian* e *New York Times* e de redes como a BBC e a CNN ficou patente. O apoio de corporações como Google, Amazon, Microsoft, Apple e Meta ao massacre dos palestinos – bem como das mais prestigiadas universidades ocidentais – revelou que o colonialismo não é coisa do passado.

Você não pode defender a justiça e ficar do lado dos nazijudeus. Você não pode defender a verdade e ficar do lado dos nazijudeus. Em suma, você não pode ser de esquerda e ficar do lado dos nazijudeus. Pois é impossível defender a justiça e a verdade – é impossível ser de esquerda – e ao mesmo tempo apoiar o racismo, o *apartheid* e o genocídio. Trata-se de uma impossibilidade lógica. Se você apoia os israelenses, então você apoia a supremacia branca. Se você apoia os israelenses, então você apoia o colonialismo. Se você apoia os israelenses, então você apoia a tortura, o estupro, o espancamento e o assassinato de mulheres e crianças. Se você apoia os israelenses, então você apoia coisas que deixariam até mesmo os nazistas com vergonha. Você apoia o feminicídio. Você apoia a pedofilia. Você apoia a psicopatia. A única desculpa

[5] https://thegrayzone.com/2023/03/12/academic-journal-maidan-massacre/.
[6] https://www.youtube.com/watch?v=4baHwG9577Q&forced.
[7] https://thegrayzone.com/2021/05/13/mainstream-outlet-media-refuses-say/.

que você pode dar para ficar do lado dos nazijudeus é a ignorância. Mas ela é realmente uma desculpa aceitável? Você não deveria ter primeiro se informado para só depois ter se posicionado? Sobretudo, um profissional do saber pode mesmo invocar a ignorância para justificar o seu apoio ao racismo, ao *apartheid* e ao genocídio?

A descoberta de que o Estado de Israel deve sua existência em parte ao nazismo pode ser chocante. Ela pode gerar incredulidade. Afinal, ela não corresponde às nossas expectativas (influenciadas pela *hasbara* e pela mídia corporativa pró-sionista). Mas quanto mais nos informamos e mais pesquisamos sobre o assunto, mais percebemos que o nazismo e o sionismo estão em perfeita sintonia um com o outro. A verdade causa aversão. A verdade fere a nossa sensibilidade. Mas é a verdade que precisa ser reajustada à nossa sensibilidade ou é a nossa sensibilidade que precisa ser reajustada à verdade?

Introdução

O artigo a seguir foi censurado pela diretoria da Anpof por causa do conceito de "nazijudaísmo", cunhado pelo polímata judeu Yeshayahu Leibowitz, professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, para criticar a entidade sionista, como se fosse uma expressão de antissemitismo. Mas não há como afirmar que o conceito de "nazijudaísmo" é antissemita sem distorcer completamente as reflexões de Leibowitz. Ele não queria criticar os judeus como um todo. Ele não queria criticar a religião judaica de forma indiscriminada. O que ele queria era realizar um corte cirúrgico. O que ele queria era colocar sob o holofote os judeus que tinham abraçado posturas tão nefastas quanto as dos seus algozes nazistas e convocar a consciência crítica para a urgente tarefa de denunciá-los. A mesma coisa vale para Noam Chomsky[8], Jonathan Ofir[9] e Uri Misgav[10]. Não foi para manchar a imagem dos judeus *tout court* que endossaram o conceito de "nazijudaísmo", mas para criticar a mentalidade supremacista fomentada pela máquina estatal israelense e condenar as suas violentas práticas discriminatórias sancionadas por lei.

Evidentemente, os nazijudeus não se veem como nazijudeus. Mas o fato de que recusam o rótulo leibowitziano significa que ele seja inapropriado e que não deva ser usado? É fundamental chamar aqui atenção para um ponto importante. Assim como os nazijudeus não se veem como nazijudeus, os membros do Hamas também não se veem como terroristas. No entanto, a Anpof não teve problema algum em retratá-los como terroristas[11], aderindo sem reservas à mentalidade ocidental dominante e alimentando assim a indústria do terrorismo[12]. Isto é, ela

[8] https://www.middleeastmonitor.com/20181112-chomsky-echoes-prominent-israeli-warns-of-the-rise-of-judeo-nazi-tendencies-in-israel/.

[9] https://mondoweiss.net/2023/12/i-used-to-think-the-term-judeo-nazis-was-excessive-i-dont-any-longer/.

[10] https://www.haaretz.com/opinion/2014-05-30/ty-article/.premium/not-neo-nazis-judeo-nazis/0000017f-e698-df5f-a17f-ffde3b8d0000.

[11] https://anpof.org.br/comunicacoes/coluna-anpof/a-filosofia-precisa-se-pronunciar-acerca-do-terror.

[12] https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17539153.2024.2327727.

usou dois pesos e duas medidas. Ela respeitou as designações preferidas pelos agressores, mas não as designações preferidas pelas vítimas. De um lado, ela aprovou um conceito que deslegitima a luta dos palestinos pela liberdade e pela sobrevivência (o conceito de "terrorismo"); do outro, ela censurou um conceito que deslegitima o genocídio perpetrado pelos israelenses (o conceito de "nazijudaísmo"). A decisão a favor do conceito de "terrorismo" desfavoreceu os palestinos e favoreceu os nazijudeus. A decisão contrária ao conceito de "nazijudaísmo" também desfavoreceu os palestinos e favoreceu os nazijudeus. Ao publicar o artigo "*A filosofia precisa se pronunciar acerca do terror*", de Georgia Amitrano, e censurar o artigo "*A luta do Hamas contra o terrorismo*", de Murilo Seabra, a Anpof não apenas fechou as portas para o debate e a diversidade de perspectivas, ela também se alinhou ao lado mais forte contra o mais fraco e aderiu acriticamente ao discurso ocidental dominante.

Quando a Anpof censurou "*A luta do Hamas contra o terrorismo*", a África do Sul já tinha entrado com a sua ação na Corte Internacional de Justiça acusando Israel de genocídio, o mesmo crime cometido pelos nazistas contra os judeus (em parte, com apoio dos próprios sionistas). Mas apesar do considerável apoio[13] dos israelenses ao genocídio (e das lideranças ocidentais aos israelenses), os membros do Hamas é que foram e continuam a ser comparados[14] a nazistas. As vozes contrárias ao programa ocidental de extermínio dos palestinos são via de regra censuradas[15]. Infelizmente, os membros da comunidade acadêmica brasileira de filosofia, que gostam de representar a si mesmos como profissionais intelectualmente autônomos e críticos (e de acreditar que teriam condenado o nazismo se tivessem vivido nas décadas de 1930 e 1940), permanecem, com poucas exceções, engajados em suas rotinas normais de leituras e discussões como se nada estivesse acontecendo. O número de resultados da busca pela palavra "genocídio" no site da Anpof pode ser contado nos dedos da mão. A comunidade brasileira de filosofia não está desconectada apenas da esquerda mundial, mas também do terremoto acadêmico internacional causado pela destruição de Gaza.

Apesar de ter sido escrito há mais de um ano, como resposta ao artigo de Georgia Amitrano (originalmente publicado em outubro de 2023), o artigo a seguir não foi atualizado nem modificado de nenhuma forma significativa. É preciso notar, porém, que muitos eventos importantes aconteceram nesse ínterim. Por exemplo, mais de 500 mil pessoas[16] já abandonaram a entidade sionista (segundo explicou Avi Steinberg[17], ele decidiu abrir mão da cidadania israelense por ela ser parte integral do genocídio). Driblando a pressão das potências ocidentais[18]

[13] https://theconversation.com/most-israelis-dislike-netanyahu-but-support-the-war-in-gaza-an-israeli-scholar-explains-whats-driving-public-opinion-230046.

[14] https://www.theguardian.com/world/2023/oct/12/hamas-attacks-on-israel-had-echoes-of-nazi-massacres-says-antony-blinken.

[15] https://diplomatique.org.br/censura-noticias-falsas-israel-palestina/.

[16] https://newleftreview.org/sidecar/posts/the-collapse-of-zionism.

[17] https://truthout.org/articles/israeli-citizenship-has-always-been-a-tool-of-genocide-so-i-renounced-mine/.

[18] https://www.theafricareport.com/349028/a-senior-leader-told-me-this-court-is-built-for-africa-and-thugs-like-putin-icc-chief-prosecutor-khan/.

e do serviço secreto israelense[19], a Corte Internacional de Justiça finalmente ordenou a prisão de Benjamin Netanyahu[20]. Não obstante, o bloqueio à informação sobre o genocídio continua firme, indo do assassinato[21] de jornalistas à perseguição[22] de professores. Não foi sem motivo que o historiador judeu Anthony Greenstein chamou Israel de "filho bastardo de Hitler"[23].

Surpreendentemente, ao invés de mobilizar as suas forças na urgente tarefa de combater a narrativa dominante (que pinta os nazijudeus como inocentes e os palestinos como terroristas), ao invés de usar a sua inteligência para inundar a nooesfera com reflexões, análises e críticas ao massacre dos palestinos pelas engrenagens do capitalismo[24], a comunidade acadêmica brasileira de filosofia resolveu abaixar cordialmente a cabeça e continuar trabalhando na agenda teórica decidida pelas potências ocidentais. Quando a filosofia não faz as perguntas que deveria fazer, a pergunta que naturalmente vem à tona é se ela tem algo de filosofia além do nome.

A Anpof ainda precisa explicar porque o uso do conceito leibowitziano de "nazijudaísmo" para qualificar a sede dos supremacistas judeus por sangue palestino constitui uma ofensa, mas não o uso do conceito de "terrorismo" para qualificar o movimento de resistência. Afinal, segundo a própria diretoria, qualquer "ofensa" fornece razões suficientes para a "retirada do texto" da Coluna Anpof. Obviamente, a Anpof pode se apoiar no discurso dominante – fomentado pela indústria bélica ocidental e pela mídia corporativa – para defender que "nazijudaísmo" é um termo ofensivo e "terrorismo" é um termo puramente descritivo. Mas ela pode também justificar a sua escolha racional e argumentativamente?

O artigo original tinha três partes. Todas elas começavam com a mesma frase. As três partes foram aqui unidas, mas a frase que abria cada uma delas foi mantida. Os quadros explicativos e as imagens pensados para o formato de *blog* da Coluna Anpof também foram mantidos. Como lembrete da censura da Anpof, o autor preferiu manter as tarjas pretas. A censura do artigo é discutida em maior detalhe na entrevista, cuja publicação, ironicamente, também foi vetada.

A lógica terrorista da máquina estatal israelense

"O Hamas ataca inocentes e civis", escreveu a professora Georgia Amitrano num artigo publicado na Coluna Anpof, "em um violento ato de terrorismo". Como a afirmação carrega o selo de legitimidade da academia e foi endossada pela Anpof – a maior associação de filosofia acadêmica brasileira, que supostamente se recusa a publicar não apenas ofensas a judeus, mas também ofensas a palestinos, como me explicou depois de retirar do ar um texto que escrevi em

[19] https://www.theguardian.com/world/article/2024/may/28/israeli-spy-chief-icc-prosecutor-war-crimes-inquiry.
[20] https://www.icc-cpi.int/news/situation-state-palestine-icc-pre-trial-chamber-i-rejects-state-israels-challenges.
[21] https://www.aljazeera.com/features/longform/2024/12/31/know-their-names-the-palestinian-journalists-killed-by-israel-in-gaza.
[22] https://www.democracynow.org/2024/5/21/ilan_pappe_airport_detention.
[23] https://www.youtube.com/watch?v=SEcNy4lL9rA.
[24] https://www.versobooks.com/en-gb/blogs/news/the-destruction-of-palestine-is-the-destruction-of-the-earth.

coautoria com uma amiga palestina –, acredito ser necessário examiná-la com cuidado.

O problema da afirmação da professora Georgia Amitrano é simples. Também é um problema grave. Ela retrata o Hamas como uma organização terrorista. Trata-se de um erro – e de um erro grosseiro – entoado de maneira incessante pela mídia corporativa[25] e agora também pela Anpof, distorcendo completamente a realidade.

O Hamas *não* é uma organização terrorista e sim um governo *antiterrorista*. O Estado de Israel, sim, é uma organização terrorista – e gananciosa[26]. Não se trata de uma opinião idiossincrática pessoal minha, improvisada de maneira irresponsável apenas para gerar polêmica e contrariar a Anpof. A mesma posição é defendida por judeus – tanto por judeus que criticam as ações terroristas do Estado de Israel quanto por judeus que as celebram.

Figura 1 – Quadro explicativo sobre os interesses econômicos por trás do ataque multinacional à Gaza[27].

PETRÓLEO E GÁS NATURAL NA COSTA DE GAZA

Os nazijudeus estão realizando ataques terroristas contra os palestinos não por motivos religiosos. O Hamas e o Hezbollah já declararam explicitamente não terem *nada* contra os judeus e o judaísmo, apenas contra a ideologia *sionista*. Apesar da famosa campanha de cuspes contra os cristãos e todas as atrocidades cometidas pelos sionistas—que constantemente se justificam com base no judaísmo—, o consenso geral é que o judaísmo "se baseia no amor", como disse o jornalista americano, filho de palestinos, Rami Khouri. Aliás, um dos maiores porta-vozes do sionismo, Theodor Herzl, contemplou a ideia de construir o Estado de Israel na Argentina, o que mostra que a Palestina, até meados do século XX, não possuía para os judeus o significado que possui hoje. Seja como for, é indiscutível o fato de que há fortes interesses econômicos por trás dos ataques à Gaza. Eles são tão fortes que os sionistas resolveram matar a si mesmos e culpar os palestinos como para justificar o seu massacre. Muito antes da operação da brigada Al-Qassam do dia 07 de outubro, o Estado de Israel já tinha aprovado preliminarmente a exploração dos poços de gás situados na costa da Faixa de Gaza. Ao invés de reconhecer o direito dos palestinos às suas próprias riquezas naturais, a comunidade internacional iniciou negociações com os nazijudeus.

Uma confissão clara

Um dos conselheiros do parlamento unicameral israelense, Israel Koenig, escreveu em 1976 que "precisamos usar o terror, o assassinato, a intimidação, a confiscação de terras e a suspensão de todos serviços sociais para livrar a Galiléia de sua população árabe" (Hallward, 2011, p. 37).

É possível haver uma confissão mais clara?

Mas o terrorismo de estado sionista não começou em 1976. Ben-Gurion já tinha causa-

[25] https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/10/07/videos-mostram-momento-de-invasao-do-hamas-em-israel-e-contraofensiva-veja.ghtml.

[26] https://www.timesofisrael.com/netanyahu-announces-advance-in-long-stalled-plans-to-develop-gas-field-off-gaza/.

[27] Com exceção da figura 7, todas as figuras e tabelas foram criadas pelo autor (N.E.).

do espanto em 1951 com sua franqueza[28] ao dizer que "não conheço todos os atos criminosos cometidos aqui, porém, como ministro da defesa [do recém-criado Estado de Israel], conheço alguns desses crimes, e a situação é assustadora em duas frentes: primeiro, os assassinatos; segundo, os estupros. (…) até que um soldado judeu seja enforcado por assassinar árabes, esses assassinatos não vão parar".

Os terrores descritos por Ben-Gurion continuam sendo praticados pelo Estado de Israel até hoje. A sua declaração permanece atual. O atual ministro da defesa israelense Itamar Ben Gvir foi condenado por seu envolvimento com atividades terroristas contra os palestinos.[29] Desde sua fundação em 1948, a máquina estatal israelense funciona de acordo com uma lógica indiscutivelmente terrorista – o que só pode ser negado por meio da aplicação enviesada e malabarística do conceito de terrorismo.

Não se pode dizer a mesma coisa do Hamas, que foi legitimamente eleito[30] pela população palestina da Faixa de Gaza. O Hamas surgiu pura e simplesmente como uma organização de resistência anticolonial e defesa da integridade territorial (aliás, a complexa[31] história do Hamas depõe fortemente contra o Estado de Israel). Afinal, a partilha implementada pela Organização das Nações Unidas em 1948 cedeu mais da metade da Palestina para os judeus recém-chegados. A população palestina, mais de duas vezes superior à judia, foi espremida em menos da metade de suas antigas terras – um ultraje em cima de um insulto. A ONU veio à luz violando direitos humanos. O Brasil se uniu aos colonizadores.

Tabela 1 – Como os palestinos e os judeus antissionistas e sionistas enxergam uns aos outros.

			PONTO DE VISTA DOS		
			PALESTINOS	JUDEUS	
				ANTISSIONISTAS	SIONISTAS
SOBRE OS	PALESTINOS		⊕	⊕	⊖
	JUDEUS	ANTISSIONISTAS	⊕	⊕	⊖
		SIONISTAS	⊖	⊖	⊕

O Hamas está oficialmente no governo desde 2006. Não tem cabimento falar "Hamas, a organização terrorista". O certo é falar "Hamas, o movimento anticolonial palestino eleito para

[28] https://www.haaretz.com/israel-news/2016-04-01/ty-article/.premium/ben-gurion-only-death-penalty-will-stop-soldiers-from-murdering-arabs/0000017f-f98c-d880-a7ff-ff8c6f7b0000.

[29] https://www.haaretz.com/israel-news/2023-02-19/ty-article/.premium/ben-gvir-to-head-team-that-will-fight-terror-incitement-by-palestinians/00000186-6a21-dba0-a5c6-7a7dec6a0000.

[30] https://www.aljazeera.com/news/2006/1/26/hamas-wins-huge-majority.

[31] https://www.youtube.com/watch?v=o7grSsuFSS0.

o governo". A Ku Klux Klan, sim, é uma organização terrorista (aliás, não é curioso[32] como o FBI quebrou a lei[33] para colocar o presidente do maior país latino-americano na prisão a despeito da total falta de provas[34] para incriminá-lo, mas ainda não conseguiu deter a centenária KKK apesar das fartas e numerosas provas[35] de seus crimes em território americano?). O Estado de Israel deve ser comparado à KKK[36]. Tanto por conta de seus métodos quanto por conta de seu racismo. O que ele faz com os palestinos é provavelmente o que a KKK faria com os americanos não-brancos caso chegasse ao poder.

As comparações entre Benjamin Netanyahu e Adolf Hitler[37] são plenamente justificadas. O que os sionistas – ou nazijudeus, como diria Yeshayahu Leibowitz – fazem com os palestinos é comparável ao que os nazistas fizeram com os homossexuais, os russos, os ciganos, os comunistas (que são frequentemente esquecidos pelos filmes hollywoodianos[38]) e com os judeus. Aliás, a elite judaica sionista colaborou ativamente com os nazistas. Ela convidou Adolf Eichmann a visitar a Palestina muito antes de traí-lo em Jerusalém[39].

O governo do Hamas, portanto, não deve ser colocado na mesma categoria que o Estado de Israel e a Ku Klux Klan. Ele *não* luta por uma causa racista. Ele *não* luta por uma causa genocida. Ele *não* luta por uma causa injusta. Ele *não* luta por uma causa abjeta. Ele se posiciona veementemente *contra* a política terrorista e genocida nazijudaica, mas não tem nada contra judeus "civis" e "inocentes" – como eu mesmo fui erroneamente levado a acreditar por sociopatas ardilosos e racistas[40] que têm fácil acesso à mídia corporativa. Ele não quer sequer o fim do Estado de Israel, apenas o fim do terrorismo[41].

O governo do Hamas também *não* atropela o direito internacional. Ele simplesmente *defende* o povo palestino. É uma das suas atribuições. É uma das suas obrigações.

---

[32] https://theintercept.com/2019/03/23/domestic-terrorism-fbi-prosecutions/.

[33] https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-publica/2020/07/01/o-fbi-e-a-lava-jato.htm.

[34] https://www.cartacapital.com.br/politica/decisao-de-toffoli-mostra-dialogos-da-lava-jato-com-o-fbi-e-transporte-de-provas-em-sacola-de-supermercado/.

[35] https://www.ojp.gov/ncjrs/virtual-library/abstracts/ku-klux-klan-evolution-towards-revolution.

[36] https://www.haaretz.com/israel-news/2023-07-27/ty-article/.highlight/ex-mossad-chief-compares-israeli-right-to-the-kkk/00000189-96cf-d1ae-a38b-f7ef6b960000.

[37] https://www.timesofisrael.com/art-college-displays-image-of-netanyahu-with-hitler-mustache/.

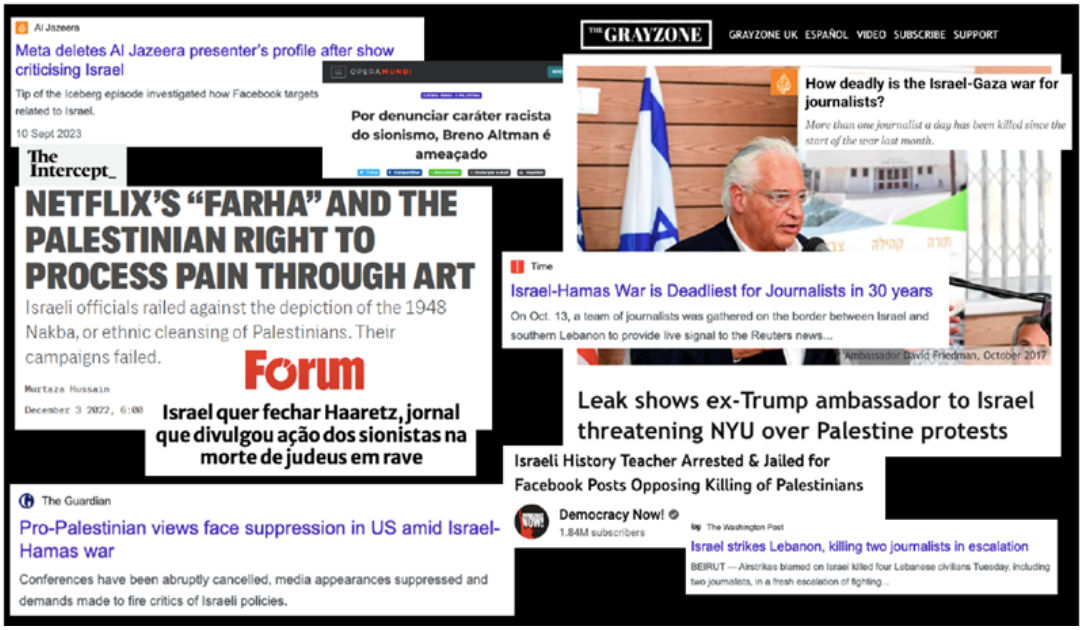
[38] https://www.anpof.org/comunicacoes/coluna-anpof/teste-seus-conhecimentos-teoria-da-conspiracao-ou-teoria-do-sabidao.

[39] https://www.jstor.org/stable/2536016.

[40] https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2023/10/12/declaracoes-anthony-blinken-guerra-israel-hamas.htm.

[41] https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/2347798917727905?ref=pmp-magazine.com&journalCode=cmea.

Figura 2 – Montagem com notícias que mostram os esforços para suprimir as vozes em favor dos palestinos.



A ação do dia 07 de outubro de 2023

O que foi a operação lançada pelo governo do Hamas no dia 07 de outubro de 2023, usada pelos nazijudeus para justificar a aceleração do seu programa carniceiro de limpeza étnica[42]? Qual era o seu objetivo?

Ao que tudo indica, ela foi a primeira etapa de uma operação de resgate[43]. A brigada Al-Qassam queria sequestrar soldados e invasores israelenses ilegalmente assentados no território palestino com o objetivo de trocá-los por prisioneiros palestinos. Ao contrário do que dizem os nazijudeus – que têm mantido vivos os métodos de limpeza étnica nazistas –, o objetivo *não* era simplesmente matá-los e aterrorizar a população israelense.

Todos os anos cerca de 500 a 700 crianças e adolescentes[44] palestinos são presos por soldados israelenses[45] e julgados em tribunais militares no Estado de Israel – principalmente por jogarem pedras contra as forças coloniais[46]. Aproximadamente 40% dos palestinos[47] já passaram por prisões israelenses – quase um milhão dos pouco mais de dois milhões de habitantes de Gaza.

"O fato de que me recusei a entrar para as forças armadas [do Estado de Israel] foi a minha forma de mostrar que não serei parte desse sistema opressor", explicou uma antissionista

[42] https://theintercept.com/2023/10/25/israel-hamas-opportunity/.
[43] https://thegrayzone.com/2023/10/27/israels-military-shelled-burning-tanks-helicopters/.
[44] https://www.dci-palestine.org/children_in_israeli_detention.
[45] https://www.youtube.com/watch?v=rFHfdenVYyc.
[46] https://www.dci-palestine.org/children_in_israeli_detention.
[47] https://www.aljazeera.com/news/2023/10/8/why-are-so-many-palestinian-prisoners-in-israeli-jails.

israelense[48]. “Por causa disso, passei 110 dias em uma prisão militar israelense”. No entanto, ela se considerou privilegiada. “Ser uma pessoa judia em uma prisão militar é diferente de ser um prisioneiro palestino em uma prisão israelense. Eles sofrem muito mais violência e muito mais torturas, e isso foi algo pelo qual não passei” (Ibidem).

Se os seus amigos e familiares, os seus filhos e sobrinhos, os seus pais e avós estivessem detidos ilegalmente nas mãos de forças coloniais e genocidas – não por serem criminosos, mas simplesmente por buscarem justiça e liberdade –, o que você faria? E se você soubesse que sofriam “muito mais violência e muito mais torturas” do que os demais presos? Você não se esforçaria para libertá-los? Você não faria *tudo* que estivesse ao seu alcance, mesmo sabendo dos riscos? Mesmo tendo consciência da força gigantesca e da crueldade infinita dos seus inimigos? Que são capazes inclusive de atirar em si mesmos em nome do objetivo maior – que é matar você?

De fato, as forças israelenses atiraram em si mesmas para evitar a captura de reféns e deter a operação de resgate do governo do Hamas. A informação é deliberadamente escondida do público até mesmo por veículos supostamente confiáveis – como *The Guardian*[49].

O Estado de Israel – que distorce a realidade[50] de forma compulsiva[51] – o governo do Hamas por todas as mortes. Mas a confissão escandalosa de soldados israelenses destruiu a narrativa dominante[52].

Os nazijudeus também estão culpando o governo do Hamas pelo genocídio, exibindo os traços clássicos dos machões[53] que agridem fisicamente suas companheiras e depois dizem[54]: “Você me fez fazer isso. A culpa é toda sua”.

---

[48] WHY THESE ISRAELIS REFUSE TO JOIN THE ARMY. Vídeo. 5min26s. Publicado pelo canal AJ+. 26 de maio de 2021 https://www.youtube.com/watch?v=y8NJjp_3kHs.

[49] https://www.theguardian.com/world/2023/nov/01/un-official-who-denounced-gaza-genocide-was-under-review-after-pro-israel-lobby-complaint.

[50] https://www.youtube.com/watch?v=0el9wiOBmmM.

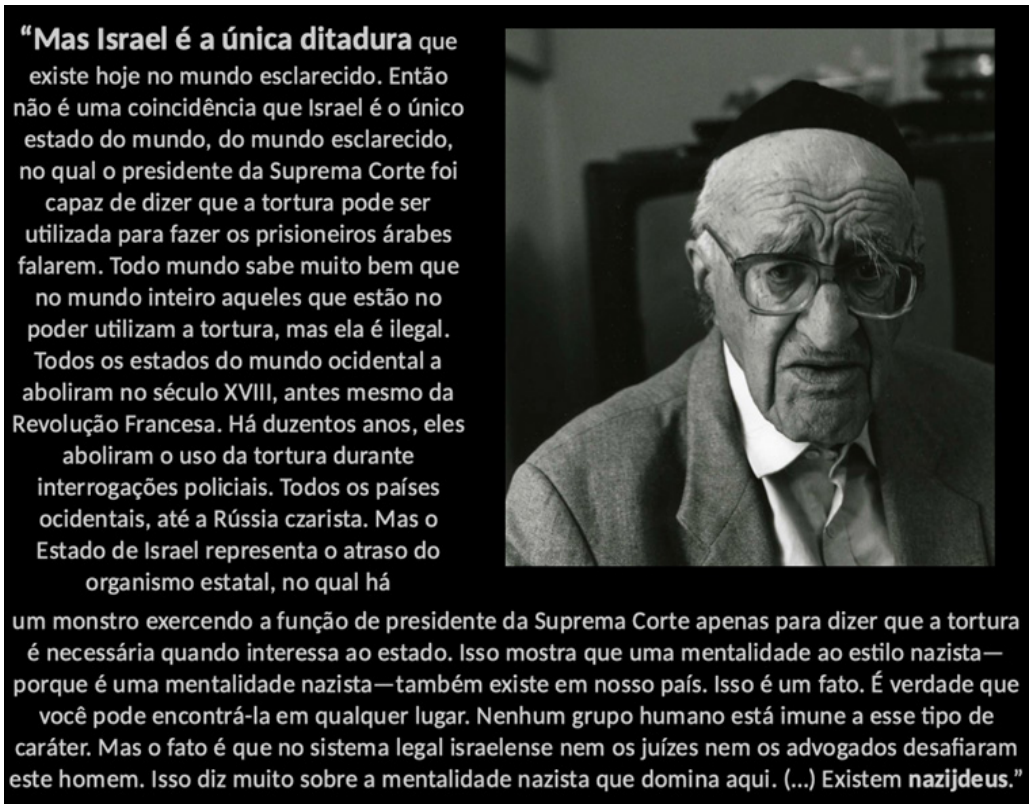
[51] https://www.youtube.com/watch?v=JrUdEERhQks.

[52] https://thegrayzone.com/2023/10/27/israels-military-shelled-burning-tanks-helicopters/.

[53] https://theconversation.com/see-what-you-made-me-do-why-its-time-to-focus-on-the-perpetrator-when-tackling-domestic-violence-119298.

[54] https://theintercept.com/2023/10/25/israel-hamas-opportunity/.

Figura 3 – Montagem com trecho de entrevista concedida por *Yeshayahu Leibowitz.*



Fonte: *A fotografia de Yeshayahu Leibowitz pode ser encontrada no Wikimedia Commons. Acessado em 03/01/2024: https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Yeshayahu_Leibowitz>.*

Dois pesos e duas medidas

Então, o que você faria? Talvez você tenha respondido no silêncio da sua consciência que *não* teria agido como o governo do Hamas – que não teria em hipótese alguma tentado sequestrar soldados e invasores israelenses para depois trocá-los por seus entes queridos, mesmo que já tivesse esgotado todas as alternativas pacíficas disponíveis para libertá-los. Talvez você ainda acredite que a ação do governo Hamas foi completamente injustificável.

Vamos então inverter os termos da questão[55].

Se uma brigada israelense entrasse em Gaza para capturar palestinos a fim de trocá-los por israelenses mantidos presos em condições desumanas, você a condenaria como se estivesse realizando uma ação injustificável? E o que pensaria se os palestinos atirassem em si mesmos para evitar toda e qualquer necessidade de negociação?

[55] https://anpof.org.br/comunicacoes/coluna-anpof/o-que-seria-um-metodo-de-leitura.

É preciso sempre tomar cuidado com o uso de dois pesos e duas medidas[56]. A narrativa sionista – a qual estamos expostos há décadas – já está impressa em nossas retinas. Ela pode muito bem estar afetando a nossa própria capacidade de pensar[57].

O terrorismo de estado israelense

"O Hamas ataca inocentes e civis", escreveu a professora Georgia Amitrano num artigo publicado na Coluna Anpof, "em um violento ato de terrorismo". As palavras "inocentes" e "civis" possuem cargas nitidamente positivas ("inocentes$_{\oplus}$" e "civis$_{\oplus}$"). Elas dão razão ao Estado de Israel. Elas se levantam em defesa do Estado de Israel. Elas despertam simpatia pelo Estado de Israel – que a organização de defesa dos direitos humanos *Human Rights Watch* acusou de cometer "os crimes humanos de *apartheid* e de perseguição contra milhões de palestinos"[58].

As palavras "inocentes$_{\oplus}$" e "civis$_{\oplus}$" refratam e dão as costas para as jovens palestinas estupradas[59] por soldados israelenses. Elas refratam e dão as costas para os palestinos usados ilegalmente e imoralmente como escudos humanos[60]. Elas refratam e dão as costas para as mulheres palestinas grávidas, já em trabalho de parto, que são impedidas de ir para o hospital por soldados israelenses, sendo obrigadas a dar à luz na rua e a ver seus bebês morrerem[61]. Elas refratam e dão as costas para as crianças palestinas que só conseguem encontrar pequenas partes dos seus entes queridos depois de bombardeios israelenses[62]. Elas refratam e dão as costas para os milhares de palestinos – homens, mulheres e crianças – mantidos em prisões israelenses de forma cruel e desumana.

O que *não* significa de forma alguma que os demais palestinos vivam em liberdade. O conservador David Cameron, ex-primeiro-ministro do Reino Unido, teve toda razão em qualificar a Faixa de Gaza como um "campo de prisioneiros"[63]. Conforme declarou: "As pessoas de Gaza vivem sob pressão e ataques constantes em uma prisão a céu aberto"[64].

Evidentemente, a reação nazijudaica às palavras de Cameron foi imediata[65]. Afinal, as expressões "campo de prisioneiros$_{\ominus}$", "pressão$_{\ominus}$", "ataques$_{\ominus}$" e "prisão a céu aberto$_{\ominus}$" – bem como "crimes humanos$_{\ominus}$", "*apartheid*$_{\ominus}$" e "perseguição$_{\ominus}$", usadas *pela Human Rights Watch* – possuem cargas fortemente negativas. Elas depõem contra e não a favor do Estado de Israel.

---

[56] https://www.anpof.org.br/comunicacoes/coluna-anpof/sociedade-de-dois-pesos-e-duas-medidas.
[57] https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/meta.12608.
[58] https://www.hrw.org/news/2022/06/14/gaza-israels-open-air-prison-15.
[59] https://electronicintifada.net/content/meet-israeli-armys-misogynist-chief-rabbi/17481.
[60] https://www.youtube.com/watch?v=sMTuRM8d28o.
[61] Cf., PALESTINE IS STILL THE ISSUE. Direção: Anthony Stark. Produção: Christopher Martin. Londres, Carlton Television, 2002. DVD (53min), son., col. Idioma: Inglês. (Documentário).
[62] Cf. BORN IN GAZA. Direção: Hernán Zin. Produção. Hernán Zin. Espanha: La Claqueta, Doc Land Films, Underdog Films, 2019. Online (54 min), son., col. Idiomas: Inglês, Árabe. (Documentário).
[63] https://www.theguardian.com/politics/2010/jul/27/david-cameron-gaza-prison-camp.
[64] https://www.bbc.com/news/world-middle-east-10778110.
[65] https://www.nytimes.com/2010/07/28/world/europe/28briefs-gaza.html.

Tabela 2 – Comparação entre expressões usadas para descrever os israelenses e os palestinos.

	EXPRESSÕES USADAS PARA DESCREVER	
	Governo do Hamas e os palestinos	Estado de Israel e os sionistas
Human Rights Watch, Organização das Nações Unidas, David Cameron, Yocheved Lifshitz, Baruch Kimmerling, Norman Finkelstein e Jamie Stern-Weiner	"cuidado$_{\oplus}$", "gentileza$_{\oplus}$", "muito amigáveis$_{\oplus}$", "sensibilidade$_{\oplus}$", "direito de se libertarem$_{\oplus}$"	"campo de prisioneiros$_{\ominus}$", "pressão$_{\ominus}$", "ataques$_{\ominus}$", "prisão a céu aberto$_{\ominus}$", "crimes humanos$_{\ominus}$", "apartheid$_{\ominus}$", "perseguição$_{\ominus}$", "campo de concentração$_{\ominus}$" e "genocidas$_{\ominus}$"
Coluna Anpof, Georgia Amitrano, Jair Bolsonaro e Sergio Moro	"violento$_{\ominus}$", "terrorismo$_{\ominus}$" e "terrorista$_{\ominus}$"	"inocentes$_{\oplus}$", "civis$_{\oplus}$" e "direito de se defender$_{\oplus}$"

As palavras "inocentes$_{\oplus}$" e "civis$_{\oplus}$" – usadas pela professora Georgia Amitrano – fazem precisamente o oposto. Elas revestem o Estado de Israel com uma capa protetora – com uma aura positiva – que repele todas denúncias feitas pela *Human Rights Watch*, pela Anistia Internacional[66], pela Organização das Nações Unidas[67] e inclusive por jornalistas[68], pesquisadores[69] e soldados judeus[70] que são perseguidos, demitidos, ameaçados de morte e forçados a fugir do Estado de Israel. Elas redirecionam o olhar de reprovação do Estado de Israel para o governo do Hamas. É injusto matar "inocentes$_{\oplus}$". É um crime matar "civis$_{\oplus}$". O Estado de Israel não é pura e simplesmente o Estado de Israel, mas o Estado de Israel$_{\oplus}$. Ele é a vítima$_{\oplus}$. O governo do Hamas não é pura e simplesmente o governo do Hamas, mas o governo do Hamas$_{\ominus}$. O Hamas é o agressor$_{\ominus}$.

[66] https://www.amnesty.org/en/latest/news/2023/11/israel-opt-horrifying-cases-of-torture-and-degrading-treatment-of-palestinian-detainees-amid-spike-in-arbitrary-arrests/#:~:text=As.

[67] https://www.reuters.com/world/middle-east/un-experts-say-ceasefire-needed-palestinians-grave-risk-genocide-2023-11-02/.

[68] https://operamundi.uol.com.br/guerra-israel-hamas/83297/por-denunciar-carater-racista-do-sionismo-breno-altman-e-ameacado.

[69] https://apublica.org/2023/10/educacao-e-voltada-para-o-exercito-e-terrivelmente-racista-diz-professora-israelense/.

[70] https://www.haaretz.com/israel-news/2019-03-24/ty-article-opinion/.premium/traitor-why-its-so-dangerous-to-be-an-israeli-army-whistleblower/0000017f-f483-d887-a7ff-fce7d7de0000.

De forma inversa e complementar, as palavras "violento" e "terrorismo" sedimentam a aversão contra o governo do Hamas. Elas possuem uma carga fortemente negativa ("violento$_{\ominus}$" e "terrorismo$_{\ominus}$"). E dão um sinal verde para o Estado de Israel atacar a Faixa de Gaza. Como explicou Maia Hallward, "a narrativa dominante que retrata os palestinos como terroristas contribui para uma mistura de apatia, ignorância e desconfiança em relação aos palestinos" (2011, p. 93). Ela legitima os nazijudeus e respalda seu programa genocida. Ela estigmatiza os palestinos e cria obstáculos à sua luta por justiça – até mesmo pelo direito à vida. Ela não é apenas falsa. Ela é também caluniosa – e tem consequências monstruosas. Afinal, ela desumaniza e demoniza os palestinos. Como se eles não fossem dignos de simpatia. Apenas de ira.

Tabela 3 – Comparação entre as cargas das expressões usadas para descrever os israelenses e os palestinos.

	CARGAS DAS EXPRESSÕES USADAS PARA DESCREVER	
	Governo do Hamas e os palestinos	Estado de Israel e os sionistas
Human Rights Watch, Organização das Nações Unidas, David Cameron, Yocheved Lifshitz, Baruch Kimmerling, Norman Finkelstein e Jamie Stern-Weiner	$\oplus$	$\ominus$
Coluna Anpof, Georgia Amitrano, Jair Bolsonaro e Sergio Moro	$\ominus$	$\oplus$

O maior campo de concentração da história

Não foi à toa que a senhora Yocheved Lifshitz ganhou as manchetes internacionais quando a brigada Al-Qassam a soltou. Em suas próprias palavras, ela foi tratada com "cuidado" e "gentileza"[71] pelos sequestradores. "Eles disseram que acreditavam no Alcorão e que não iriam nos machucar"[72], explicou. "Eles é que limpavam os banheiros, não a gente". Todos os reféns levados pela Al-Qassam foram tratados com "sensibilidade". Os membros do Hamas entenderam e respeitaram até mesmo a decisão dos reféns de não discutirem questões políticas.

[71] https://www.theguardian.com/world/2023/oct/24/freed-gaza-hostages-named-yocheved-lifshitz-nurit-cooper.
[72] https://www.timesofisrael.com/freed-hamas-hostage-recounts-ordeal-slams-israeli-failures-speaks-well-of-captors/.

“Eles foram muito amigáveis.” Não apenas “amigáveis”, mas “muito amigáveis”.

A senhora Lifshitz colocou seriamente em questão a desumanização e a demonização dos palestinos – necessária para justificar a política genocida dos sionistas. Ela enfraqueceu a narrativa segundo a qual o Hamas é simplesmente um sanguinário grupo terrorista.

De acordo com o jornalista americano Rami Khouri, filho de palestinos, as palavras da senhora Lifshitz são um exemplo daquilo que faz “o judaísmo ser uma religião tão especial. Ele se baseia na ética. Ele se baseia no amor. Ele se baseia na verdade. [...] Não acho que ela foi conduzida ou treinada para dizer nenhuma dessas coisas. A luta que o Hamas tem, que todos nós temos, não é contra o povo judeu. É contra o movimento sionista que se tornou o Estado de Israel, amplamente reconhecido em todo o mundo como um sistema de *apartheid”*[73].

Mas o fato de que Lifshitz cobriu o Hamas com expressões positivas (“cuidado$_{\oplus}$”, “gentileza$_{\oplus}$”, “muito amigáveis$_{\oplus}$”, “sensibilidade$_{\oplus}$”) foi considerado pelos ideólogos do Estado de Israel como um “desastre publicitário”[74]. Os nazijudeus se apressaram em deslegitimá-la. No dia seguinte, uma determinação ministerial[75] apareceu para silenciar os próximos reféns soltos pelo Hamas.

Tabela 4 – Opiniões sobre a continuidade ou falta de continuidade entre o judaísmo e o sionismo.

	O JUDAÍSMO E O SIONISMO ESTÃO EM	
	HARMONIA	DESARMONIA
Declaração de um judeu durante uma confrontação entre cristãos americanos e policiais israelenses	“A coisa santa a fazer aos olhos de Deus é matá-lo. (...) A Torah diz que o cristianismo é uma adoração a ídolos.”	
O Hamas afirma, em sua Carta de Princípios (§16), que o judaísmo deve ser distinguido do sionismo		“O Hamas afirma que o seu conflito é com o projeto sionista e não com os judeus por causa de sua religião.”

Lifshitz não foi a única a questionar a distribuição de termos legitimadores e deslegitimadores realizada pelos nazijudeus. Por exemplo, o sociólogo judeu Baruch Kimmerling, sobrevivente do Holocausto, chamou a Faixa de Gaza de “o maior campo de concentração que já existiu” (2003, p. 169). Ou seja, ele acusou o Estado de Israel de fazer com os palestinos – em

[73] https://www.democracynow.org/2023/10/24/shalom_hamas_hostage_release_handshake_video.
[74] https://www.israelnationalnews.com/news/379085.
[75] https://www.timesofisrael.com/ministry-issues-protocol-for-treatment-of-freed-captives-after-press-event-slammed/.

uma escala ainda maior – aquilo que a Alemanha nazista tinha feito com as suas vítimas. Ele não foi o único a dizer que os sionistas são piores do que os nazistas[76]. "As pessoas de Gaza não têm o direito de se libertarem de um 'campo de concentração'?', perguntaram Norman Finkelstein e Jamie Stern-Weiner, ambos judeus, logo depois de citarem Kimmerling no brilhante artigo "*Israel não tem o direito de se defender de Gaza*"[77].

Não é acerca do terror que a filosofia precisa se pronunciar

As palavras não são ações. Mas elas são capazes de facilitá-las ou dificultá-las, legitimá-las ou deslegitimá-las, encorajá-las ou desencorajá-las – mais ou menos como os sinais de trânsito regulam o fluxo de automóveis. As palavras que difamam o governo do Hamas e as palavras que inocentam o Estado de Israel incidem sobre o tecido social da mesma forma: desautorizando a resistência palestina e autorizando o programa de extermínio israelense. As palavras que reumanizam o governo do Hamas e as palavras que expõem os crimes do Estado de Israel agem de maneira diametralmente oposta: autorizando a resistência palestina e desautorizando o programa de extermínio israelense.

O artigo da professora Georgia Amitrano carrega um problema já no seu título: "*A filosofia precisa se pronunciar acerca do terror*". Pois colocar a questão em termos de "terror" é justamente o que o Estado de Israel quer fazer. Para desencorajar o apoio do mundo à resistência palestina, os nazijudeus desviam a atenção da sua própria sede de sangue e da sua própria política genocida – e a redirecionam exclusivamente para a luta perfeitamente justa e legítima do governo do Hamas.

[76] TANTURA. Direção: Alon Schwarz. Produção: Paul Schwarz, Shaul Schwarz, Maiken Baird. Israel: Reel Peak Films, Slutzky Communications, Time Studios, 2023. Online (1h34min), son., col. Idiomas: Hebraico, Árabe, Inglês. (Documentário). https://www.tantura-film.com/.

[77] https://jacobin.com/2018/07/gaza-protests-israel-occupation-norman-finkelstein.

Figura 4 – Trechos da Lei Básica do Estado de Israel.

Trechos da Lei Básica: Israel como o Estado-Nação do Povo Judeu

1 - Princípios Básicos

A. A terra de Israel é a pátria histórica do povo judeu, onde o Estado de Israel foi estabelecido.

C. O direito de exercer a autodeterminação nacional no Estado de Israel é exclusivo do povo judeu.

3 - Capital do Estado

Jerusalém, completa e unida, é a capital de Israel.

4 - Idioma

A. O idioma do Estado é o hebraico.

C. Esta cláusula não prejudica o status dado à língua árabe antes da entrada em vigor desta lei.

5 - Reunião dos Exilados

O Estado estará aberto à imigração judaica e à reunião de exilados.

7 - Assentamento Judaico

A. O Estado vê o desenvolvimento do assentamento judaico como um valor nacional e agirá para encorajar e promover o seu estabelecimento e consolidação.

Não é a palavra "terrorismo$_{\ominus}$" que deveria abrir o campo semântico das nossas discussões. É a palavra "colonialismo$_{\ominus}$". Não é a palavra "violência$_{\ominus}$" que deveríamos usar para caracterizar o governo do Hamas. É a palavra "resistência$_{\oplus}$". O que o Estado de Israel está fazendo não é exercer seu "direito de se defender$_{\oplus}$". É pura e simplesmente "limpeza étnica$_{\ominus}$". É pura e simplesmente "genocídio$_{\ominus}$". Ao contrário do que dizem os sionistas, o que está acontecendo não é uma "guerra$_{\oplus}$", é um "massacre$_{\ominus}$"[78].

O ex-presidente Jair Bolsonaro[79] declarou seu repúdio ao "ataque terrorista feito pelo Hamas, grupo terrorista que parabenizou Luiz Inácio Lula da Silva". Por sua vez, o ministro dos direitos humanos Silvio Almeida[80] condenou os "atos terroristas do Hamas". A semelhança não é preocupante? É verdade que ele também condenou as "ações inaceitáveis do Estado de Israel". Mas não as chamou pelo nome. Ele as chamou apenas de "inaceitáveis", não de "terroristas" ou "genocidas".

O léxico que usamos não é inocente. Não falamos apenas por meio das frases que enunciamos, mas também por meio do vocabulário que escolhemos para enunciá-las. Há frases inteiras escondidas dentro das nossas frases.

Culpando as vítimas

"O Hamas ataca inocentes e civis", escreveu a professora Georgia Amitrano num artigo

[78] https://www.aljazeera.com/program/newsfeed/2023/11/15/un-special-rapporteur-israel-cant-claim-right-of-self-defence.

[79] https://www.youtube.com/watch?v=-zp8nOD4hY0.

[80] https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2023/11/6651314-silvio-almeida-sobre-conflito-na-faixa-de-gaza-atos-terroristas-do-hamas.html.

publicado na Coluna Anpof, "em um violento ato de terrorismo". Logo em seguida, acrescentou: "Na ação do contra-ataque, Israel vitima civis e impõe o medo em Gaza". Em suma, é o Hamas que "ataca$_{\ominus}$". Aquilo que o Estado de Israel realiza é simplesmente um "contra-ataque$_{\oplus}$". Ele tem o direito de se defender. Não foi ele que começou a briga. Portanto, é o governo do Hamas que deve ser responsabilizado pelo genocídio dos palestinos: "A culpa é toda sua. Você me fez fazer isso".

É verdade que a professora Georgia Amitrano rejeitou a divisão sionista entre "civilizados$_{\oplus}$" e "bárbaros$_{\ominus}$"[81]. É verdade que ela não compactuou explicitamente com a "colonização". Mas ela inadvertidamente pintou os palestinos como se fossem *o ponto de origem da violência* – como se a colonização israelense fizesse parte de um passado distante, já resolvido, não sendo mais necessário contabilizá-la na distribuição da culpa.

Mas como o governo do Hamas pode ter sido o primeiro a atacar se aquilo que lançou no dia 07 de outubro de 2023, ao que tudo indica, foi a primeira etapa de uma *operação de resgate*? Nem mesmo a estratégia de relegar a colonização israelense à condição de processo já encerrado e esquecido – quando, na verdade, ela continua marchando a todo vapor[82] – suficiente para atribuir o início da nova onda de violência ao governo do Hamas.

Provavelmente, ela não queria estigmatizar os palestinos. Provavelmente, ela não queria desumanizá-los e demonizá-los. Provavelmente, ela não queria ofender ninguém. Nem o Estado de Israel nem o governo do Hamas. Nem os judeus nem os palestinos. Nem os colonizadores nem os colonizados – muito diplomaticamente. Ou então a professora Georgia Amitrano queria repreender os dois, como se estivessem igualmente errados – também diplomaticamente. O problema é que acreditando que seria neutra caso apontasse o dedo acusador em todas as direções, ela terminou por apontá-lo tanto para os agressores quanto para suas vítimas.

O direito internacional

O direito internacional garante explicitamente aos palestinos o direito de se defenderem das ações criminosas do Estado de Israel, inclusive *por meio da luta armada*. Não se trata de uma questão de interpretação. Tanto a Palestina quanto a luta armada são mencionadas com todas as letras na Resolução 1514 (XV), de 14 de dezembro de 1960, da Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas[83], aprovada em resposta ao terrorismo de estado e do genocídio praticado contra os palestinos por um povo que, para espanto geral, tinha resolvido agir como seus algozes. Assim como o direito penal garante o direito à legítima defesa, o direito internacional garante o direito ao uso da violência contra a dominação colonial e a ocupação estrangei-

[81] https://www.jewishvirtuallibrary.org/quot-the-jewish-state-quot-theodor-herzl.
[82] https://www.aljazeera.com/program/newsfeed/2023/11/9/israeli-soldiers-raise-flag-and-sing-anthem-on-gaza-beach.
[83] https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-184801/.

ra. É por isso que a BBC teve razão em não classificar o governo do Hamas como "terrorista"[84], apesar do apoio britânico ao programa de extermínio colocado em ação pelos nazijudeus.[85] Infelizmente, a Anpof não teve a mesma seriedade. A Anpof não teve o mesmo respeito pela luta anticolonial que a BBC. Ela preferiu ignorar que o direito internacional está do lado dos palestinos. Ela preferiu criminalizá-los.

Figura 5 – Trechos da Resolução 1514 (XV) da Assembléia Geral da ONU.

Trechos da Resolução 1514 (XV), de 14 de dezembro de 1960, da Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas

2. Reafirma a legitimidade da luta dos povos pela independência, integridade territorial, unidade nacional e libertação da dominação colonial, do apartheid e da ocupação estrangeira por todos os meios disponíveis, incluindo a luta armada;

4. Condena veementemente os governos que não reconhecem o direito à autodeterminação e à independência de todos os povos ainda sob domínio colonial, subjugação estrangeira e ocupação estrangeira, nomeadamente os povos de África e o povo palestino;

6. Condena veementemente as violações constantes e deliberadas dos direitos fundamentais do povo palestino, bem como as atividades expansionistas de Israel no Médio Oriente, que constituem um obstáculo à realização da autodeterminação e da independência por parte do povo palestino e uma ameaça à paz e à estabilidade na região;

Pelo menos, é o que sugere a decisão da Anpof de censurar a carta ao presidente Lula[86] que assinei com uma amiga palestina – e que, aliás, citava a Resolução 1514 (XV), falava da necessidade de reverter a campanha de desumanização e demonização dos palestinos, reconhecia que há judeus que colocam a própria vida em risco para criticar os sionistas, deplorava a inação da comunidade internacional diante do genocídio, lamentava o fato de que a injustiça nem sempre prevalece, reconhecia a enorme superioridade bélica do Estado de Israel em relação ao povo palestino (que nem sequer tem um exército), e, por fim, [redacted]

A Anpof julgou que a nossa carta ao presidente Lula ofendia tanto os "líderes judeus" quanto a população palestina e assim resolveu tirá-la do ar. "Qualquer mínima indicação de ofensa é motivo da retirada do texto", explicou-me a diretoria da Anpof. Segundo argumentou, a carta era inadmissível por dizer que [redacted]

[84] https://www.bbc.com/news/world-middle-east-67083432.
[85] https://www.aljazeera.com/gallery/2023/11/10/tens-of-thousands-pray-and-march-in-support-of-palestinians.
[86] https://www.anpof.org.br/comunicacoes/coluna-anpof/carta-ao-presidente-lula-sobre-a-palestina.

[redacted]

Desde a data de publicação da carta ao presidente Lula e da sua subsequente censura pela Anpof, já morreram mais de 20 mil palestinos, incluindo cerca de 12 mil mulheres e crianças[87].

A petição uspiana

Recentemente, chegou a mim uma petição[88] assinada por diversos professores da Universidade de São Paulo (USP). Eu a assinei e recomendo assiná-la. Porém, não posso deixar de notar sua timidez e sua atitude deferente ao Estado de Israel e especialmente aos Estados Unidos.

Ao invés de pedir para o Brasil cessar *todas* relações comerciais com o Estado de Israel – que bloqueou alimentos, água e energia aos palestinos presos no "maior campo de concentração do mundo"[89] –, a petição se limitou a fazer apenas *um* pedido efetivamente prático: a revogação dos contratos de cooperação militar com os nazijudeus. Nenhuma menção foi feita ao movimento internacional de boicote ao Estado de Israel[90] e à necessidade imperiosa de boicotar companhias como a Hewlett Packard (HP)[91].

Figura 6 – Quadro comparativo entre o tamanho da Faixa de Gaza e o Distrito Federal.

Legenda: A área da Faixa de Gaza equivale a apenas 6,3% do Distrito Federal. No primeiro mês dos ataques, o Estado de Israel lançou sobre a Faixa de Gaza cerca de 25 mil toneladas de explosivos, o equivalente a duas bom-

[87] https://abcnews.go.com/US/wireStory/health-ministry-hamas-ruled-gaza-strip-palestinian-death-104786290.
[88] https://secure.avaaz.org/community_petitions/po/governo_do_brasil_basta_ao_genocidio_em_gaza/?zMjAsbb.
[89] https://www.terra.com.br/noticias/guilherme-mazieiro/nao-tem-pao-agua-energia-a-rotina-de-brasileiros-que-nao-podem-sair-de-gaza,cc8c16f8b521d86d28a7ca18eabb821a2tridvqi.html.
[90] https://bdsmovement.net/.
[91] https://bdsmovement.net/boycott-hp.

bas atômicas.

A petição não pode mais do que despertar a indiferença dos sionistas. Eles já deixaram muito claro que preferem continuar o seu programa de extermínio do que manter relações diplomáticas com os países latino-americanos[92]. Do ponto de vista deles, também somos espécimes inferiores do gênero humano.

Os maiores parceiros econômicos e militares do Estado de Israel – que provavelmente deveria ser chamado de "entidade sionista", uma vez que não é muito mais do que um forte colonial – são de longe os Estados Unidos, o Reino Unido e a Europa.

E se a petição uspiana for atendida? E se ela tiver sucesso? E se o Brasil revogar todos os contratos militares[93] com o Estado de Israel? A medida será mais benéfica aos brasileiros do que prejudicial aos israelenses – que vendem inclusive softwares de espionagem usados contra jornalistas e defensores de direitos humanos[94].

Psicopatas Unidos do Capitalismo

No mínimo, a petição deveria também ter pedido a imediata suspensão de *todos* oso acordos militares e comerciais com os americanos. Todos. Primeiro, por uma questão estratégica. Como explicou Diana Buttu[95], o que estamos vendo "não é um ataque israelense à Gaza, é um ataque israelense-americano a Gaza […]. Sabemos muito bem que [o massacre de Gaza] é em grande parte financiado e fomentado pelos Estados Unidos. Essa é a guerra de Biden". Os nazijudeus não têm nenhuma consideração com o Brasil e os brasileiros[96]. Eles desprezam até mesmo os cristãos americanos[97], chegando literalmente a cuspir[98] neles. No entanto, eles podem ser influenciados pelos Estados Unidos. Segundo, por uma questão de justiça. Ainda que o apoio dos Estados Unidos não fosse essencial aos sionistas, precisamos ficar do lado dos nossos irmãos africanos[99] – também dos porto-riquenhos.

Não deveríamos nos aliar ao maior *bully* do planeta[100]. Os psicopatas unidos do capitalismo já mataram pelo menos seis vezes mais pessoas ao redor do mundo do que os nazistas mataram judeus. É de serem comparados com os americanos, não com os nazistas, que os is-

[92] https://www.theguardian.com/world/2023/oct/31/bolivia-israel-hamas-gaza-war-crime.
[93] https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/38409/contratos-militares-entre-brasil-e-israel-chegam-a-quase-r-1-bilhao-revelam-documentos.
[94] https://www.amnesty.org/en/latest/research/2021/07/forensic-methodology-report-how-to-catch-nso-groups-pegasus/.
[95] https://www.youtube.com/watch?v=oZP1jXjRCsE.
[96] https://www.youtube.com/watch?v=R0IB5l6KfkU.
[97] https://www.youtube.com/watch?v=lq28ZFNzaWM.
[98] https://www.theguardian.com/world/2023/oct/03/video-of-ultra-orthodox-jews-spitting-by-christians-in-jerusalem-sparks-outrage.
[99] https://www.bbc.com/news/world-africa-36303327.
[100] https://www.anpof.org/comunicacoes/coluna-anpof/engenharia-do-saber-a-continuacao-da-guerra-por-outros-meios.

raelenses deveriam ter medo.

Não é difícil imaginar a satisfação dos sádicos nazijudeus com os demais itens da petição. Todos são meramente retóricos. Eles não têm nenhuma chance de fazer a entidade sionista reconsiderar seu *apartheid* e sua agenda genocida.

O Estado de Israel está sendo verbalmente repreendido, criticado e condenado há décadas – inclusive por judeus. Mas ele nunca abandonou seu *apartheid*. Pelo contrário, o *apartheid* foi explicitamente sedimentado na nazijudaica Lei Básica[101], que atropela completamente inclusive os direitos dos árabes israelenses. O Estado de Israel também jamais abriu mão de sua política de limpeza étnica. Pelo contrário, apenas a aprofundou e acelerou. Apesar de todas as críticas e todos os apelos verbais que recebe há décadas, a entidade sionista nunca se curvou ao direito internacional. Nunca. *Não são mais palavras que irão fazê-la reconsiderar seu programa de extermínio*.

Crianças à mercê de pedófilos e psicopatas

Quando crianças estão aprisionadas em um quarto com pedófilos[102] e psicopatas armados capazes de estuprá-las[103] sem peso na consciência e literalmente reduzi-las a poças de sangue e pedaços de carne e ossos, não adianta simplesmente pedir com educação "Por favor, parem"[104]. Também não adianta gritar em alto e bom tom: "Parem de cometer atrocidades!" É igualmente ineficaz ameaçar: "Não vamos mais comprar seus brinquedinhos!".

Ainda não está claro que os pedófilos e psicopatas *não* se importam? Que *sabem* perfeitamente bem o que estão fazendo? Que somos *nós* que fingimos não saber?

É preciso detê-los.

Para impedir o abuso, a tortura e a morte das crianças aprisionadas, é preciso recorrer à força. Mesmo que seja uma missão suicida. Ou no mínimo abrir a porta e oferecer uma rota de fuga. E se a porta estiver trancada, é preciso arrombá-la.

[101] https://main.knesset.gov.il/EN/activity/Documents/BasicLawsPDF/BasicLawNationState.pdf.

[102] https://operamundi.uol.com.br/guerra-israel-x-palestina/84149/prisioneiras-palestinas-libertadas-por-israel-denunciam-tortura-em-prisoes.

[103] https://theconversation.com/tantura-new-documentary-sparks-debate-about-israel-and-the-palestinian-nakba-189101.

[104] https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/lula-volta-a-condenar-mortes-de-criancas-em-gaza-e-faz-apelo-parem-pelo-amor-de-deus/.

Figura 7 – Imagem incentivando o estupro de palestinas compartilhada por soldados israelenses no WhatsApp.

Fonte: A imagem incentivando o estupro de palestinas está linkada no artigo de Bohrer, A. "Against the Pinkwashing of Israel". Al Jazeera, 09/10/2014. Acessado em 12/11/2023: https://www.aljazeera.com/opinions/2014/8/9/against-the-pinkwashing-of-israel.

O que não se pode fazer em hipótese alguma é precisamente o que o Brasil está fazendo: deixar as crianças no quarto com os nazijudeus – torcendo para que abandonem suas mais firmes convicções e esperando que satisfaçam sua sede de sangue e fome de carne.

Apesar de terem sua função, as palavras não são suficientes.

A responsabilidade histórica do Brasil

Por conta do seu passado de dar vergonha, o Brasil tem a responsabilidade histórica de combater o racismo e o colonialismo. Não só com palavras, mas com ações – assim como Cuba enviou soldados e tanques de guerra para apoiar a Luta Armada de Libertação Nacional de An-

gola contra as forças imperialistas ocidentais[105].

A petição uspiana se esqueceu de exigir do governo brasileiro o *mínimo*. No entanto, o seu maior defeito foi não exigir do Brasil uma ação *condizente* com o que está acontecendo – uma ação capaz de efetivamente *deter* o genocídio.

É preciso apoiar a luta dos palestinos por seus direitos. Atualmente, porém, eles não estão lutando apenas por seus direitos, eles estão lutando também por suas vidas. E não estamos fazendo *nada* de concreto nem para defendê-los nem para tirá-los do abatedouro.

Figura 8 – Reflexão pessoal do autor sobre as decisões impossíveis que os palestinos precisam tomar.

E SE EU FOSSE PALESTINO?

Os desejos dos adultos e das crianças, dos homens e das mulheres, nem sempre coincidem. Há pessoas que gostam da ideia de viajar e conhecer novas culturas e pessoas que preferem permanecer onde estão, cultivando as suas raízes e enriquecendo a vida dos seus semelhantes. Mas ambas possuem em comum a vontade de serem livres para fazer suas próprias escolhas—e para fazê-las seja por causa dos seus princípios (apesar das circunstâncias), seja por causa das circunstâncias (apesar dos seus princípios). Por causa do meu temperamento e das minhas convicções pessoais—talvez também por não ter nenhuma deficiência física me deixando inapto ao combate—, eu agradeceria o convite do governo brasileiro, mas não o aceitaria. Eu não imporia a minha decisão a ninguém, sem dúvida, mas permaneceria na Palestina, especialmente se não tivesse crianças ou idosos sob meus cuidados. Afinal, por que deveria abrir mão dos meus direitos? Por que deveria abrir mão das minhas terras? Por que deveria abrir mão das minhas riquezas? Por que deveria sair do lar dos meus ancestrais para deixar um povo invasor se apropriar—sem nenhuma resistência—dos poços de petróleo e gás natural descobertos na costa do meu território? Se eu fosse palestino, acho que preferiria morrer lutando pela justiça. Não tenho certeza, só acho. Pois existe uma diferença grande entre se imaginar em uma zona de ataque e estar em uma zona de ataque. De qualquer forma, se eu tivesse filhos pequenos, especialmente filhas, eu temeria a proximidade dos monstros sem coração, que, como notou Ben-Gurion, não são apenas assassinos, mas também estupradores. O conflito entre os meus princípios e as circunstâncias dilaceraria as minhas entranhas, porém, em última instância, eu abriria mão dos meus direitos e das minhas convicções, eu abriria mão da justiça, da verdade e da razão, eu abriria mão de tudo, mesmo que temporariamente, para tirar os meus filhos do alcance dos nazijudeus. Pois como mais da metade da população de Gaza tem menos de 16 anos e quase a metade já passou pelas prisões israelenses, o fato é que eu teria grandes chances de virar, caso fosse palestino, o pai de uma criança que foi repetidamente torturada ou estuprada e que [redacted] cadeira de rodas. [redacted] Seria muito difícil para mim ter o discernimento do Hamas e do Hezbollah, que fazem uma distinção cuidadosa entre o judaísmo e o sionismo, opondo-se apenas aos sionistas, não aos judeus como um todo. [redacted]

Se não queremos cumprir *o nosso dever de intervir militarmente para dar um basta ao genocídio*, se não temos coragem de desafiar os americanos em nome do direito internacional e da simples decência, não precisamos pelo menos enviar armas para os palestinos? Ou pelo menos abrir as portas do Brasil (não para obrigá-los a saírem de suas terras, o que seria atropelar

[105] https://www.cambridge.org/core/books/global-cold-war/75870878657DC67E0BC70FA7D2388494.

mais uma vez seus direitos, mas para oferecer *proativamente* a todos interessados a cidadania plena e a oportunidade de continuarem vivos[106])?

Os palestinos *não* precisam aceitar nenhuma das ofertas brasileiras. Nem a de ajudá-los militarmente nem a de hospedá-los em condições mais dignas do que as encontradas nos campos de refugiados espalhados pelo mundo afora. Mas o Brasil tem a *obrigação* de fazê-las. Sobretudo, o Brasil tem a obrigação de *consultá-los* – ignorando *completamente* os nazijudeus – para descobrir como *eles* querem ser apoiados.

[106] https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/10/24/itamaraty-levara-ao-brasil-palestinos-de-gaza-em-processo-de-imigracao-diz-embaixada.ghtml.

Referências

Ahmed, K. & Michaelson, R. "Palestinians desperate to flee Gaza pay thousands in bribes to 'brokers'". **The Guardian**, 08/01/2024. Acessado em 09/01/2024: <https://www.theguardian.com/global-development/2024/jan/08/palestinians-flee-gaza-rafah-egypt-border-bribes-to-brokers>.

Berman, L. "As Attacks on Christians Become more Frequent, a Crisis Looms for Israel". **The Times of Israel**, 30/03/2023. Acessado em 05/10/2023: <https://www.timesofisrael.com/as-attacks-on-christians-become-more-frequent-a-crisis-looms-for-israel/>.

Bohrer, A. "Against the Pinkwashing of Israel". **Al Jazeera**, 09/10/2014. Acessado em 12/11/2023: <https://www.aljazeera.com/opinions/2014/8/9/against-the-pinkwashing-of-israel>.

Cidor, P. "Why do Jewish Extremists Spit on Christian Clergy in Jerusalem's Old City?" **The Jerusalem Post**, 23/06/2023. Acessado em 05/10/2023: <https://www.jpost.com/christianworld/article-747227> .

Deitelhoff, N. et al. "Principles of Solidarity. A Statement". **Normative Orders, Goethe University**, 13/11/23. Acessado em 26/11/23: <https://www.normativeorders.net/2023/grundsatze-der-solidaritat>.

Duggal, H., Hussein, M. & Asrar, S. "Israel's Attacks on Gaza: The Weapons and Scale of Destruction". **Al Jazeera**, 09/11/2023. Acessado em 13/11/2023: <https://www.aljazeera.com/news/longform/2023/11/9/israel-attacks-on-gaza-weapons-and-scale-of-destruction>.

Equipe Editorial. "Israel Set to Approve Gaza Marine Gas Development, Requires Security Assurances". **Haaretz**, 18/06/2023. Acessado em 12/11/2023: <https://www.haaretz.com/middle-east-news/palestinians/2023-06-18/ty-article/israel-set-to-approve-gaza-marine-gas-development-requires-security-assurances/00000188-ce09-da0c-a78a-ff7b3a1d0000>.

Equipe Editorial. "What is Gaza Strip, the Besieged Palestinian Enclave under Israeli Assault?". **Al Jazeera**, 11/10/2023. Acessado em 12/11/2023: <https://www.aljazeera.

com/news/2023/10/11/what-is-gaza-strip-the-besieged-palestinian-enclave-under-israeli-assault>.

Fattorelli, M. “Juca Kfouri Entrevista Fattorelli: ‘Quem Ganha com a Dívida Pública?’ – Completo”. **TVT**, 02/10/2019. Acessado em 12/11/2023: <https://auditoriacidada.org.br/video/fattorelli-para-o-entre-vistas-quem-ganha-com-a-divida-publica>.

Hallward, M. **Struggling for a Just Peace**: Israeli and Palestinian Activism in the Second Intifada. University Press of Florida: Miami, 2011.

Herzl, T. **The Jewish State**. Dover: New York, 1988.

Khadder, K. “Israeli Police Arrest Five Following Uproar over Jews spitting on Christians”. **CNN**, 04/10/2023. Acessado em 05/10/2023: <https://edition.cnn.com/2023/10/04/middleeast/jerusalem-christians-spitting-israel-intl/index.html>

Kimmerling, B. **Politicide**: Ariel Sharon’s War Against the Palestinians. Verso: New York, 2003.

Laercio-Franzon. “País terá Perdas de mais de R$ 1 trilhão com Isenções a Petroleiras, diz Consultor”. **Senado Notícias**, 22/06/2018. Acessado em 12/11/2023: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/06/22/pais-tera-perdas-de-mais-de-r-1-trilhao-com-isencoes-a-petroleiras-diz-consultor>.

Lederman, J. & Pinson, S. “Christians in the Holy Land say they’re under Attack as Israeli-Palestinian Violence Soars”. **NBC News**, 20/04/2023. Acessado em 05/10/2023: <https://www.nbcnews.com/news/world/israel-palestinians-christians-attacks-holy-land-jewish-extremists-rcna80441>.

Leibowitz, Y. “Yeshayahu Leibowitz (ישעיהו ליבוביץ׳ 1903 – 1994)”. **Raymond Brouwers**, 12/11/2023. Acessado em 12/11/2023: <https://www.youtube.com/watch?v=cGLY3Bgv344>.

Moro, S. “Moro: Israel é um País, Hamas é Terrorista”. Itatiaia, 10/10/2023. Acessado em 12/11/2023: <https://www.youtube.com/watch?v=I5aCPp0TAF4>.

Oltermann, P. “Israel-Hamas War opens up German debate over meaning of ‘Never

Again'". **The Guardian**, 23/11/23. Acessado em 26/11/23: <https://www.theguardian.com/world/2023/nov/22/israel-hamas-war-opens-up-german-debate-over-meaning-of-never-again>.

PALESTINE IS STILL THE ISSUE. Direção: Anthony Stark. Produção: Christopher Martin. Londres, Carlton Television, 2002. DVD (53min), son., col. Idioma: Inglês. (Documentário).

Tooze, A. et al. "The Principle of Human Dignity must Apply to all People". **The Guardian**, 23/11/23. Acessado em 26/11/23: <https://www.theguardian.com/world/2023/nov/22/the-principle-of-human-dignity-must-apply-to-all-people>.

WHY THESE ISRAELIS REFUSE TO JOIN THE ARMY. Vídeo. 5min26s. Publicado pelo canal AJ+. 26 de maio de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y8NJjp_3kHs. Acesso em: 23 de janeiro de 2025.